

CTI - Centro de Trabalho Indigenista

O CTI é uma entidade da sociedade civil, sem fins lucrativos, fundada em 1979. Tem como proposta contribuir para que os Povos Indígenas assumam o controle efetivo de seus territórios, esclarecendo-lhes sobre o papel do Estado na proteção e garantia de seus direitos constitucionais. Atua em Terras Indígenas inseridas nos Biomas Amazônia, Cerrado e Mata Atlântica.





Centro de Trabalho Indigenista

Realização

SABERES INDÍGENAS NA ESCOLA

UFG/UFMA/UFT/MEC - SECADI







Núcleo de Estudos e Assessoria Indígenas (NEAI)













EMBAIXADA DA NORUEGA



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



Kruwapu

História do jacaré e do homem que comeu barro

Kruwapu História do jacaré e do homem que comeu barro

Série Oralidade



VOLUME 9

Série Oralidade

Este é o sexto volume de uma nova coleção: a Série Oralidade. A proposta é compactuar a familiaridade e o manuseio de livros como suporte para o saber tradicional; a percepção de que existem outras linguagens para transmitir informações e conhecimentos; o reforço do uso da língua indígena falada e do modo próprio do contar uma história, que não pode ser reproduzido na escrita.

Uma das questões mais prementes nas estratégias pensadas para o fortalecimento das línguas indígenas é criar novas práticas que possam fazer frente, deliberadamente, à perda de espaços para a língua portuguesa. Assim ao necessário e reivindicado letramento em língua portuguesa foi contraposto a criação da escrita das línguas indígenas e a consequente produção de material bilíngue, como forma de se garantir para a língua indígena, funções e usos sociais relevantes e prestigiados pela sociedade nacional.

Entretanto, esta estratégia de resistência da língua indígena às pressões da língua majoritária deve vir acompanhada de um conjunto de outros cuidados que garantam aquilo que é vital para a continuidade dessas línguas e a guarda de um imenso patrimônio cultural que somente pela atualização da fala é garantido. As línguas devem antes de tudo continuarem sendo faladas e este novo instrumental, livro, comumente usado para a difusão da escrita, pode ser suporte também para o uso da fala. Esta série procura assim fortalecer os usos orais da língua indígena, abrindo-lhe novos espaços que possam contribuir para sua sobrevivência futura.



Maria Elisa Ladeira

Este material faz parte da Coleção Educação Timbira dirigido a todas as aldeias dos povos Timbira: Krahô, Apinajé, Krikati, Apànjêkra, Ràmkkôkamekra, Pukobjê, Krējê e Krepÿmkatejê.

É uma realização do Projeto Educação e Referência Cultural do CTI – Centro de Trabalho Indigenista em parceria com o Centro Timbira de Ensino e Pesquisa Pënxyj Hêmpejxà e com o Programa Saberes Indígenas na Escola (Rede UFG/UFMA/UFT/MEC-SECADI).

Coordenação e Concepção: Maria Elisa Ladeira

Pesquisa e ilustrações/Professores: Jaldo Canôj Canela; Ricardo Cuhtàkre Canela; Raimar Ronkrainon Canela; Reginaldo Taipa Canela ; Clarice Piapit Canela ; Juruna Kënkũm Apaniekra; Ildene Corên Apaniekra; Paulo Pepxen Apaniekra.

Equipe de apoio oficina: Elisete Noletto, Daniela Leme da Fonseca, Helena Ladeira Azanha

Designer gráfico, diagramação e arte finalização: Adailson Rodrigues Soares

Projeto gráfico, tratamento de imagens e capa: Estúdio Bogari

Equipe Timbira (2018) – UFT	Equipe Timbira (2018) – UFMA
Odair Giralдин	Emilene Leite de Sousa
Ligia Raquel R. Soares	Diogo Rezende Gomes
Maria do Carmo Pereira dos Santos Tito	Karitania dos Santos Araujo
André Demarchi	Claudio José Braga Rocha
Cassiano Sotero Apinagé	Bruno Rocha Gavião
Terezinha Amnhàk Apinagé	Damásio Belizário
Maria dos Reis Pandy Apinajé	Dana Sousa Gavião
Alexandre de Sousa Fernandes Apinaje (Zé Cabelo)	Paulo Belizário Gavião
Sandro Pëpkrâkahi Corredor Apinajé	Jonas Polino Sansão Pynhêh Gavião
Juliano Nhĩnô Ribeiro Apinajé	Miracema Ropcwij Krikati
Raimunda Kupěprõ Apinajé	Maria Capakwyj Krikati
Creuza Prumkwýj Krahô	Francisquinho Tephот Canela
Isauro Krôkrôk Krahô	Justino Kenjaven Canela
Olavo Tepjõpir Krahô	Ricardo Kapereko Canela
	Benedito Roiaka Canela
	Piotut Ribeiro
	Paulo Thugran Canela

Os povos Timbira (Jê) conhecidos por Krahô, Krikati, Pykobjê, Apànjêkra, Ràmkkôkamekra, Apinajé, Krepÿmkatejê e Krējê são ocupantes de uma grande extensão de terras nos cerrados do norte do Tocantins e sul do Maranhão, área colonizada a partir do século XIX por frentes agropastoris. A estes Timbira somam-se os Parakatêjê situados no sul do Pará.

A população Timbira em 2013 era de cerca de nove mil pessoas distribuídas em 52 aldeias e 07 Terras Indígenas . Seus territórios são descontínuos, formando pequenas ilhas com extensões que variam de 50 a 300 mil hectares cercadas por fazendas de gado e de produção de arroz ou soja.

A limitação do território e a escassez da caça fazem com que a agricultura tenha cada vez mais importância, mas os Timbira mantêm-se tradicionalmente como sociedades de caçadores e coletores, cuja forma de ocupação dos campos de cerrado implica uma grande mobilidade e se reflete em sua cultura material. Altamente sofisticadas do ponto de vista da sua organização social, são consideradas “sociedades de festa”, preservando até os dias de hoje, depois de mais de 200 anos de contato com a sociedade nacional, a profusão de seus rituais, a circularidade de suas aldeias, sua organização social e política e o uso da língua Timbira como um sistema vivo e operante.

Segundo o diagnóstico realizado em 2010 pelo Centro Timbira Pënxyj Hêmpejxà existem 46 escolas nas aldeias onde 228 professores atendem a um total de 3.410 alunos.



Kruwapu

História do jacaré e do homem que comeu barro

Série Oralidade



SABERES INDÍGENAS NA ESCOLA
UFG/UFMA/UFT/MEC - SECADI



© Todos os direitos reservados ao povo Canela
1ª edição

Kruwapu – História do homem e do jacaré que comeu barro.

Povo Timbira.

Brasília: CTI - Centro de Trabalho Indigenista, 2018.

1. Educação Escolar Indígena 2. Índios Canela 3. Mitologia Indígena
4. Oralidade

Kruwapu

História do jacaré e do homem que comeu barro

Brasília
SCLN 210 bloco C,
sala 217/218
Brasília, DF
CEP 70862-530
Tel: (61) 3349-7769
Fax: ramal 210

Amazonas
Rua Oswaldo Cruz,
572, sala 06
Bairro Comunicações
Tabatinga, AM
CEP 69640-000
Tel: (97) 3412-3991

São Paulo
Rua Euclides de Andrade,
29, Jardim Vera Cruz
São Paulo, SP
CEP 05030-030
Tel: (11) 2935-7769
Fax: (11) 2935-7769

www.trabalhoindigenista.org.br

Contato: cti@trabalhoindigenista.org.br

Nome: _____

Aldeia: _____

Professor: _____



A Ação Saberes Indígenas na Escola foi efetivada pelo Ministério da Educação em 2013, considerando-se uma demanda colocada pelos delegados e pelos movimentos indígenas na I Conferência Nacional de Educação Escolar Indígena, ocorrida em 2009.

Ao criar essa ação, objetiva-se provocar a reflexão sobre as práticas pedagógicas nas escolas indígenas visando valorizar os conhecimentos indígenas e os processos próprios de ensino e aprendizagem a serem praticados na educação escolar indígena. Para isso, as Universidades Públicas foram convidadas pelo MEC/SECADI a formarem redes de atuação visando trabalharem na formação continuada dos professores indígenas. Nessa atuação procura-se trabalhar a autonomia dos povos ao priorizar seus processos próprios de ensino-aprendizagem, bem como visa contribuir para que os professores indígenas reflitam sobre a produção de material didático e pedagógico referente ao letramento e alfabetização. Assim, foram criadas várias redes no Brasil, sendo uma delas formada pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e Universidade Federal do Tocantins (UFT). A UFG tem atuado com os povos Akwẽ/Xerente, os Tapuia, os Iny (Karajá, Javaé

e Xambioá), os Tapirapé e os Tenetehar/Guajajara. Já a UFMA (campus de Imperatriz) e a UFT (campus de Porto Nacional, através do Núcleo de Estudos e Assuntos Indígenas - NEAI), tem atuado ambas conjuntamente com os povos Timbira, que formam o Território Etnoeducacional Timbira.

Reconhecemos que a valorização dos conhecimentos tradicionais dos povos Timbira já vem sendo enfatizada desde os anos 1990 pelo Centro Timbira de Ensino e Pesquisa Pënxwỳj Hëmpejxà - CTEPPH. Esse Centro está localizado na cidade de Carolina (MA) e foi criado pela Comissão de Professores Timbira juntamente com o Centro de Trabalho Indigenista (CTI). Naquele Centro foram realizadas diversas atividades de registro de conhecimentos sobre histórias, narrativas, rituais, cantos, meio ambiente, dentre outros, através das ações desenvolvidas pelo projeto Mëntwajê Cultural, Mëntwajê Ambiental e Mëntwajê Administrativo que eram planejadas e desenvolvidas pela equipe do Programa de Educação e Referência Cultural Timbira. Nessas ações procurava-se colocar os jovens (Mëntwajê) de vários povos Timbira em contato com os anciãos e anciãs para promover essa comunicação entre gerações, visando a transmissão dos conhecimentos ao mesmo tempo que se realizavam os registros. Muitos desses registros tornaram-se materiais didáticos que estão sendo utilizados nas escolas das aldeias Timbira do Tocantins e Maranhão.

Além dessas ações, naquele Centro também aconteceu a experiência da

Escola Timbira, que foi o processo formação dos professores Timbira, através da Comissão de Professores, que depois se desdobrou na oferta de Ensino Fundamental (5^a. a 8^a. Séries) para uma turma de jovens, em parceria com as SEDUCs do Tocantins e Maranhão. Esses estudantes tinham em seu conteúdo curricular também os saberes indígenas tradicionais, de tal forma que em todas as etapas de realização do curso, sempre estava presente ao menos um ancião para atuar como conteudista para a turma. As ações aqui destacadas tinham como metodologia, para o processo de formação desses jovens, os preceitos da educação escolar indígena diferenciada e construída constantemente com os povos envolvidos nesse processo. Essas ações se complementaram por um longo tempo e hoje refletem nas aldeias Timbira, pois muitos daqueles que participaram dessas ações são hoje importantes pesquisadores (e vários deles, professores) de seus conhecimentos ou então lideranças em suas aldeias.

Assim, reconhecemos que estamos dando seguimento a uma atividade que já teve experiências exitosas anteriores, às quais devemos reconhecer o devido valor, tê-la como referência e na qual buscamos inspirações sempre que possível.

A Série Oralidade, criada pelo Centro de Trabalho Indigenista - CTI e Centro Timbira de Ensino e Pesquisa Pënxwỳj Hëmpejxà - CTEPPH, tem como proposta a valorização da oralidade, forma tradicional de preservar e transmitir

conhecimentos na maioria dos povos indígenas. E a publicação deste material condiz com os objetivos do Saberes Indígenas na Escola, pois além de trabalhar com conhecimentos indígenas e estimular a oralidade, também incentiva a valorização dos conhecedores tradicionais (os mais velhos) com os quais as crianças devem interagir para conhecer melhor as narrativas e também para ampliar seus conhecimentos sobre outras histórias.

Em função disso, optou-se por publicar esse material já produzido dentro da Ação Saberes Indígenas na Escola.

Equipe Timbira – UFT/UFMA

Apresentação - Pënxyj Hëmpejxà

Este é um livro onde a história é contada sem a escrita.

Por isso, este é um livro para todos lerem, mesmo aqueles que não conhecem as letras da escrita podem saber da história.

Este é um livro onde a história só pode ser contada por quem sabe. E, tem muitos modos de se contar uma história. Como tem também muitos modos de se desenhar uma história.

Este livro foi feito na oficina realizada em maio de 2013 no Centro Timbira Pënxyj Hëmpejxà . Para isso, um grupo de oito participantes Ràmkökamekra e Apànjêkra entre professores, conselheiros e jovens contaram esta história entre si, lembraram detalhes de episódios e chegaram a esta versão que apresentamos aqui. Na sequência estão algumas fotos deste momento de elaboração conjunta durante a oficina.

Este livro apresenta o trabalho destes pesquisadores, mas é também o espaço para que você, aluno de uma escola Timbira, apresente sua pesquisa e desenhos, nas páginas em branco que aparecem na segunda parte do livro, uma outra história que você tenha escutado e aprendido com os mais velhos.

Por isso o livro vai ter duas histórias, a do Kruwapu e a que você vai

contar por meio dos desenhos, depois de pesquisar com os mais velhos. Mas lembre-se que este é um trabalho para ser feito com vagar, sem pressa, para que possa sair bem feito, impêj. Você pode pedir ajuda para outros ajudarem nas ilustrações.

E, assim os livros podem ser trocados entre as pessoas da aldeia e muitas histórias poderão ser contadas e lembradas. E depois, estas histórias podem virar novos livros e circular em todas as aldeias Timbira.

Aproveitem,

Maria Elisa Ladeira

Py'kin

Wààpàr



Participantes da Oficina de elaboração de materiais didáticos no Centro Timbira Pënxyj Hêmpejxà, maio de 2013

Apresentação - Kruwapu

Nós professores e pesquisadores das aldeias Escalvado (povos Ràmkkôkamekra) e Porquinhos (povo Apànjêkra), situadas no Maranhão, reunidos na oficina de pinturas corporais realizada no Centro Timbira Pënxyj Hêmpejxà, resolvemos fazer este livro sobre a história do Kruwapu, para todos da aldeia ficarem lembrando e para as crianças aprenderem.

Nós estamos contando com desenhos a história do Kruwapu (flecha boa) que andava comendo terra e barro sem que ninguém visse. Um dia Kruwapu não estava bem de saúde, ficou pálido, triste, não queria comer. E ele foi deixado pelo avô num brejo, daí que o jacaré veio e falou com o menino. E o menino foi até a casa onde o jacaré morava, dentro da água e o jacaré curou o menino.

O jacaré foi muito bom com o Kruwapu e ensinou uma cantiga de tora, que até hoje nós cantamos.

Me ipê, ihkaàhhoc to hahkre me ihkahhòc to hahkre catêjê krĩ Ràmkkôkamekra me Apànjêkra me xa cupê jőkri, Fernando Falcão-MA.

Wa ite me ajpen par, Kruwapu jarên xà, me amji hòc to hahkre xà, Pënxyj Hêmpejxà Carolina-MA, mar que hũjaren xà ita mehcunea pê ahkrare me krĩ cunea cahyt me ihhòc jahkre pej ihkàhhòc jurkwa kam.

Fotos tiradas no Centro Pënxwyj Hëmpejxà. Maio de 2013





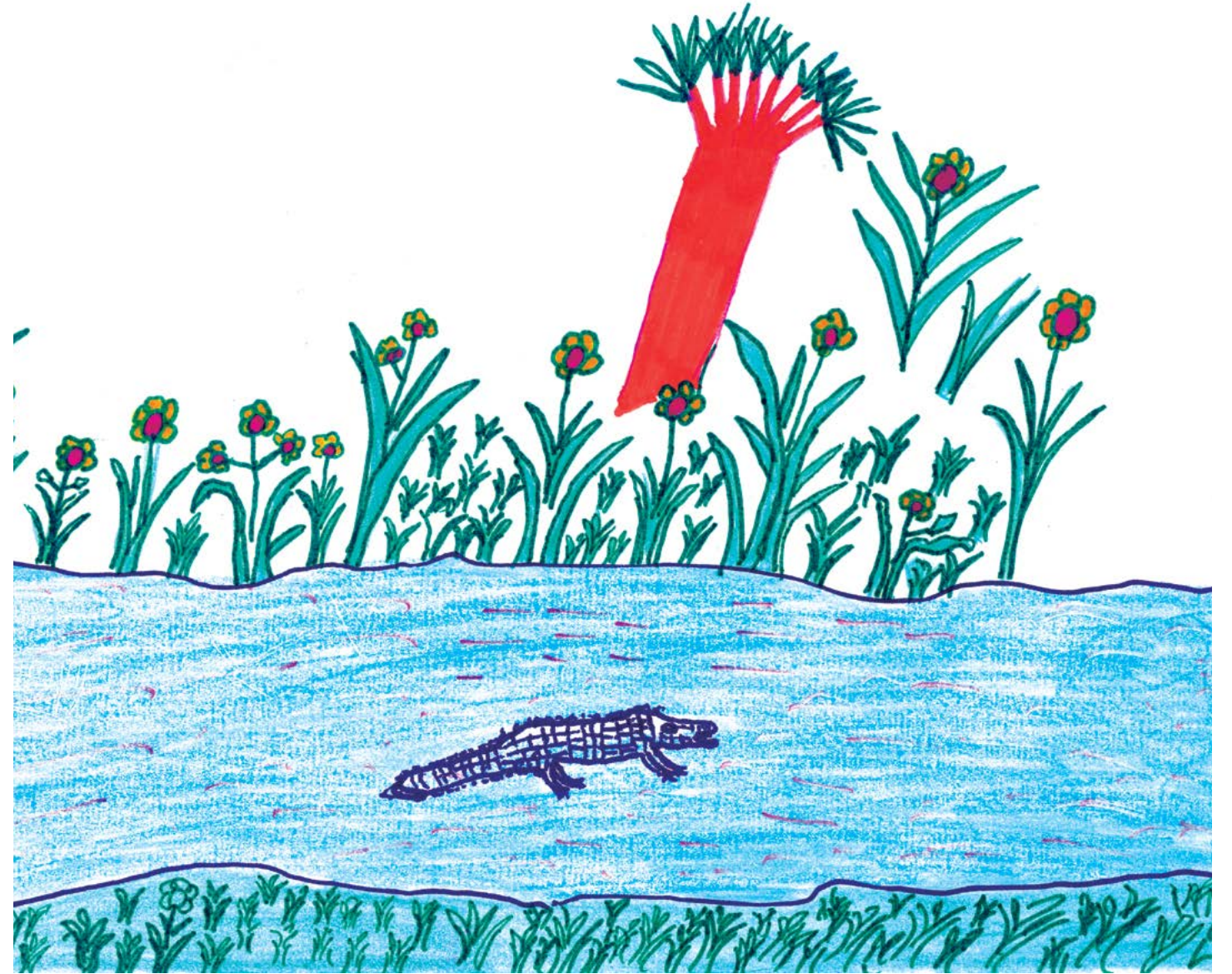


Kruwapu

História do jacaré
e do homem que comeu barro















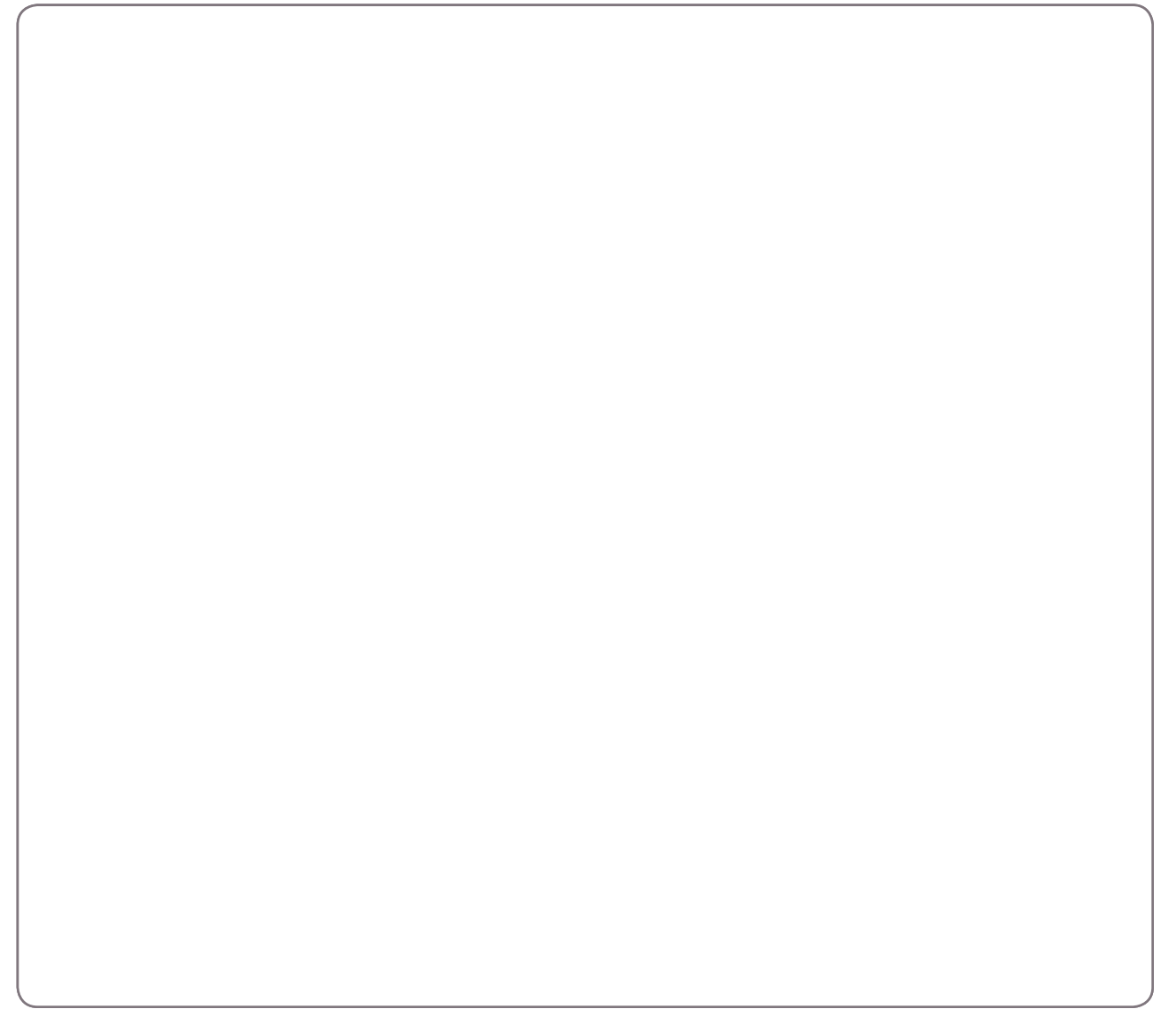
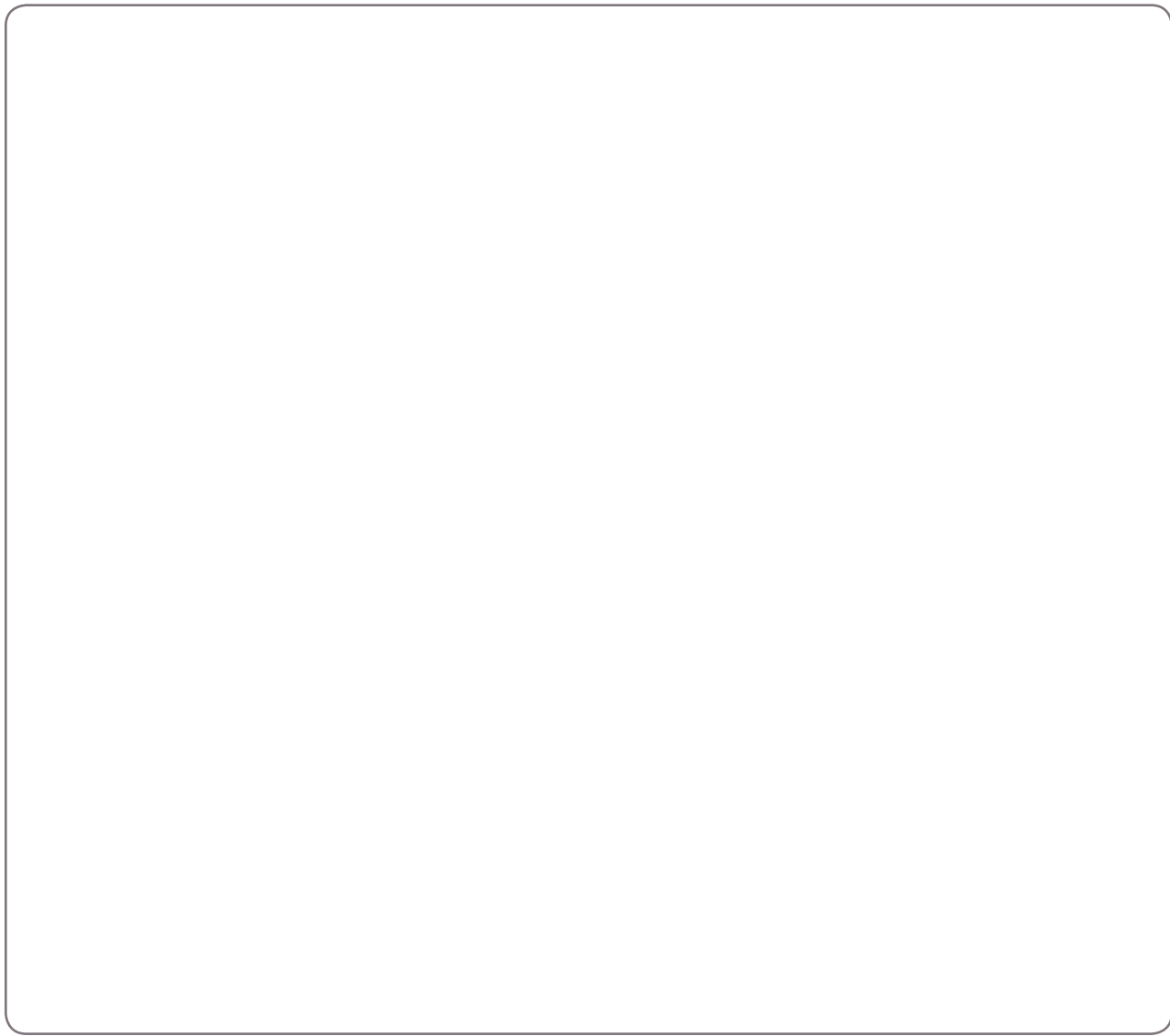


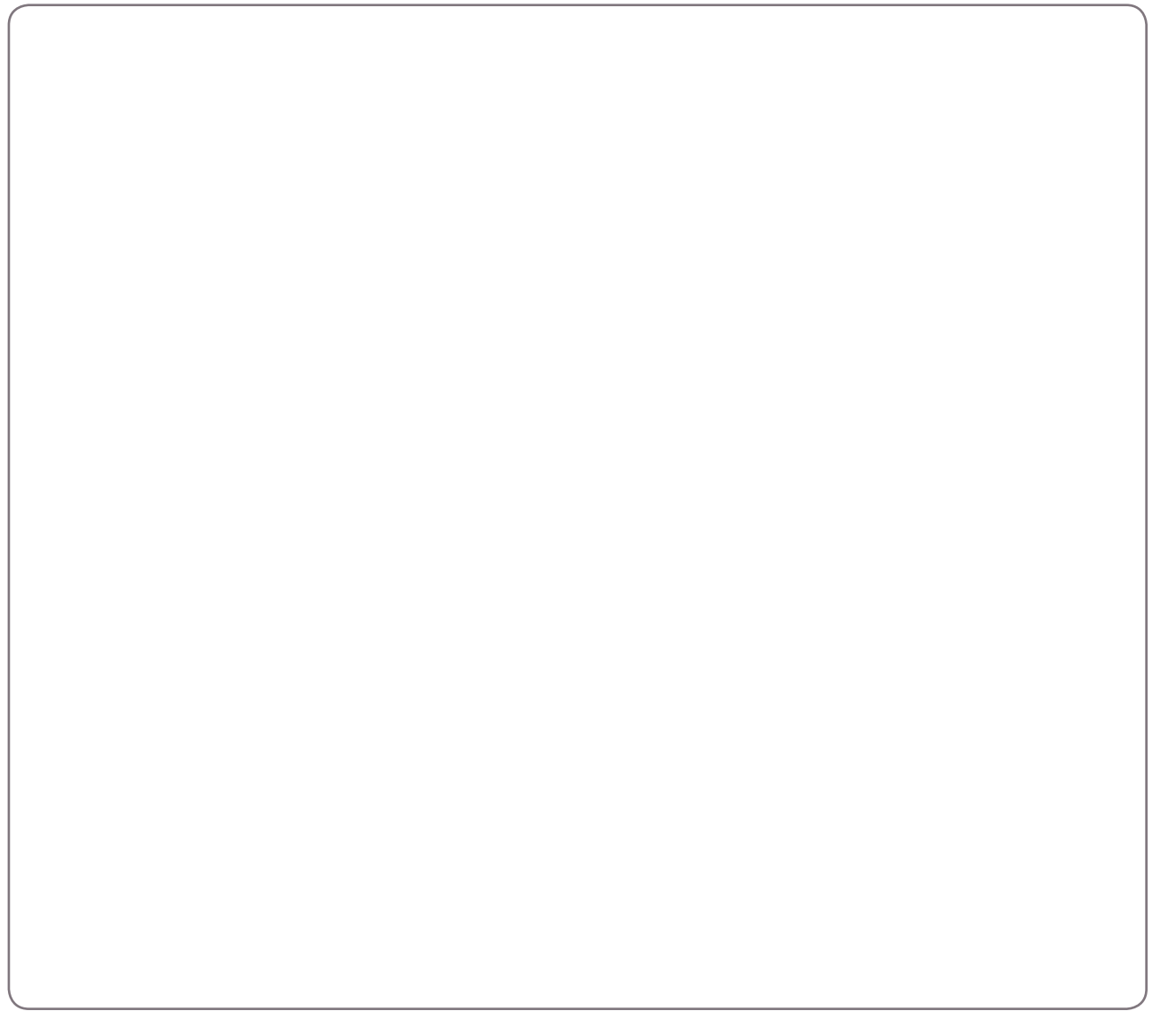
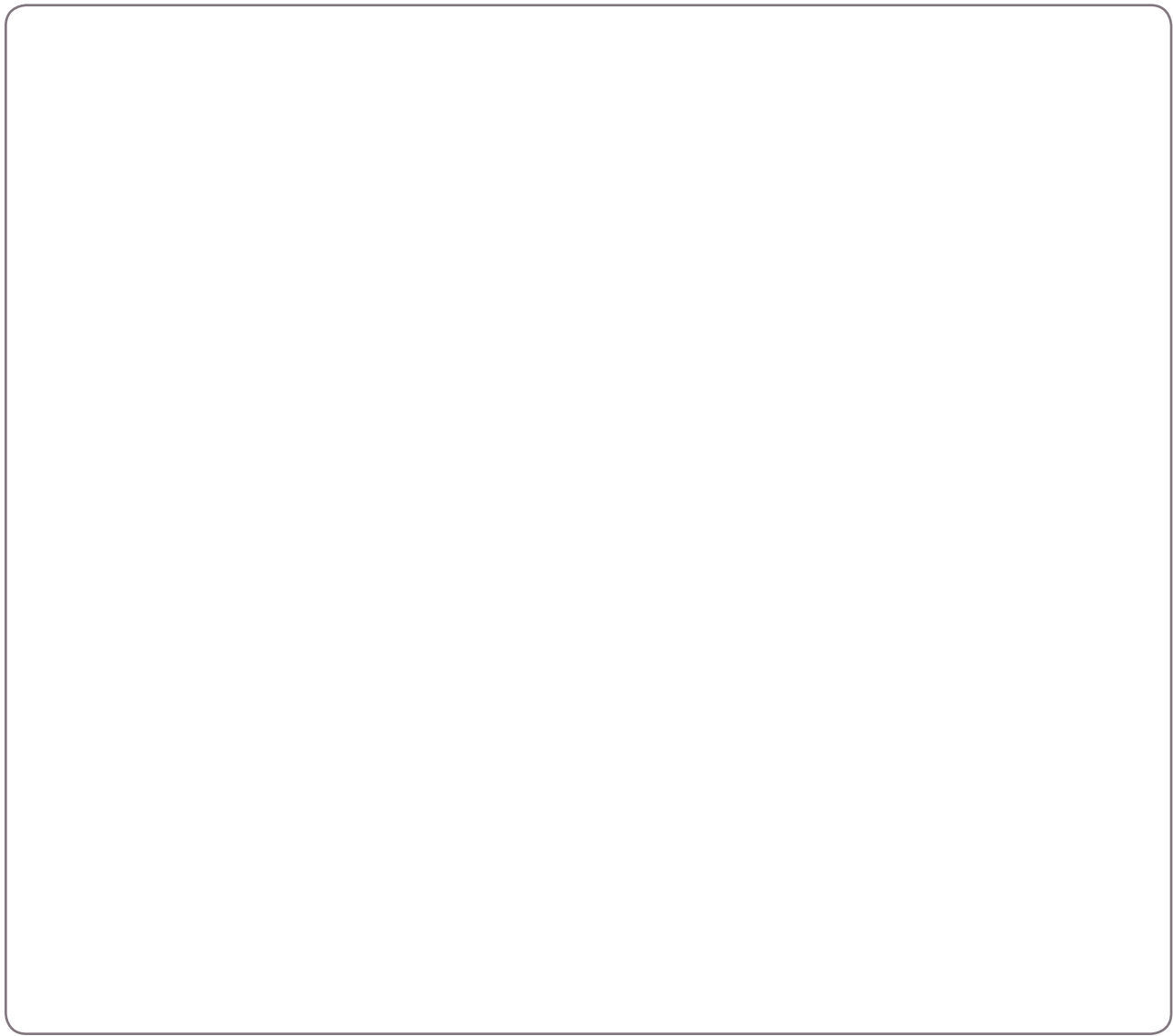
Agora você vai fazer o seu livro. Peça para os mais velhos contarem outras histórias. Escute com atenção e depois use as páginas em branco para desenhar a história que você mais gostou.

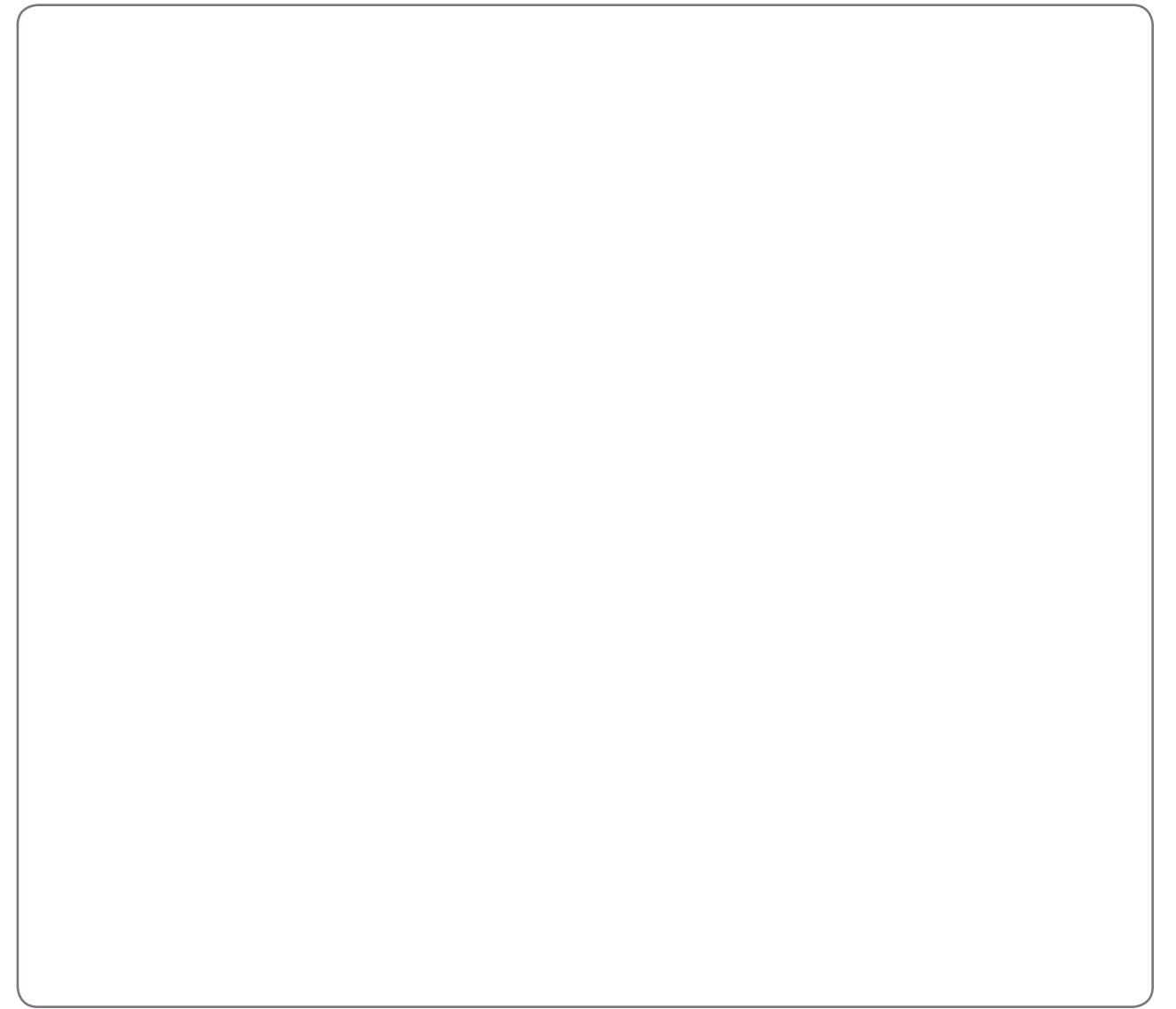
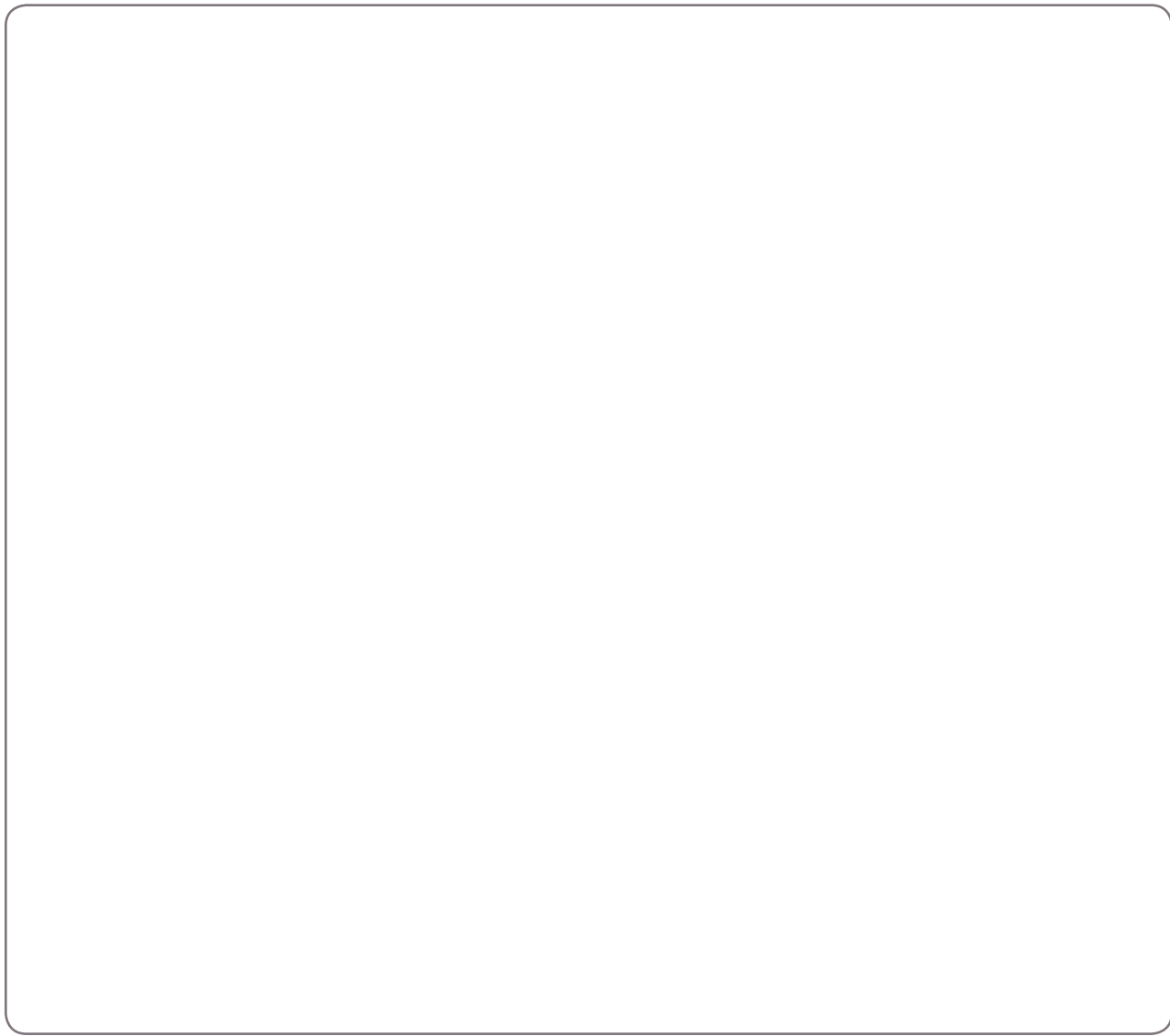
Nome da história pesquisada: _____

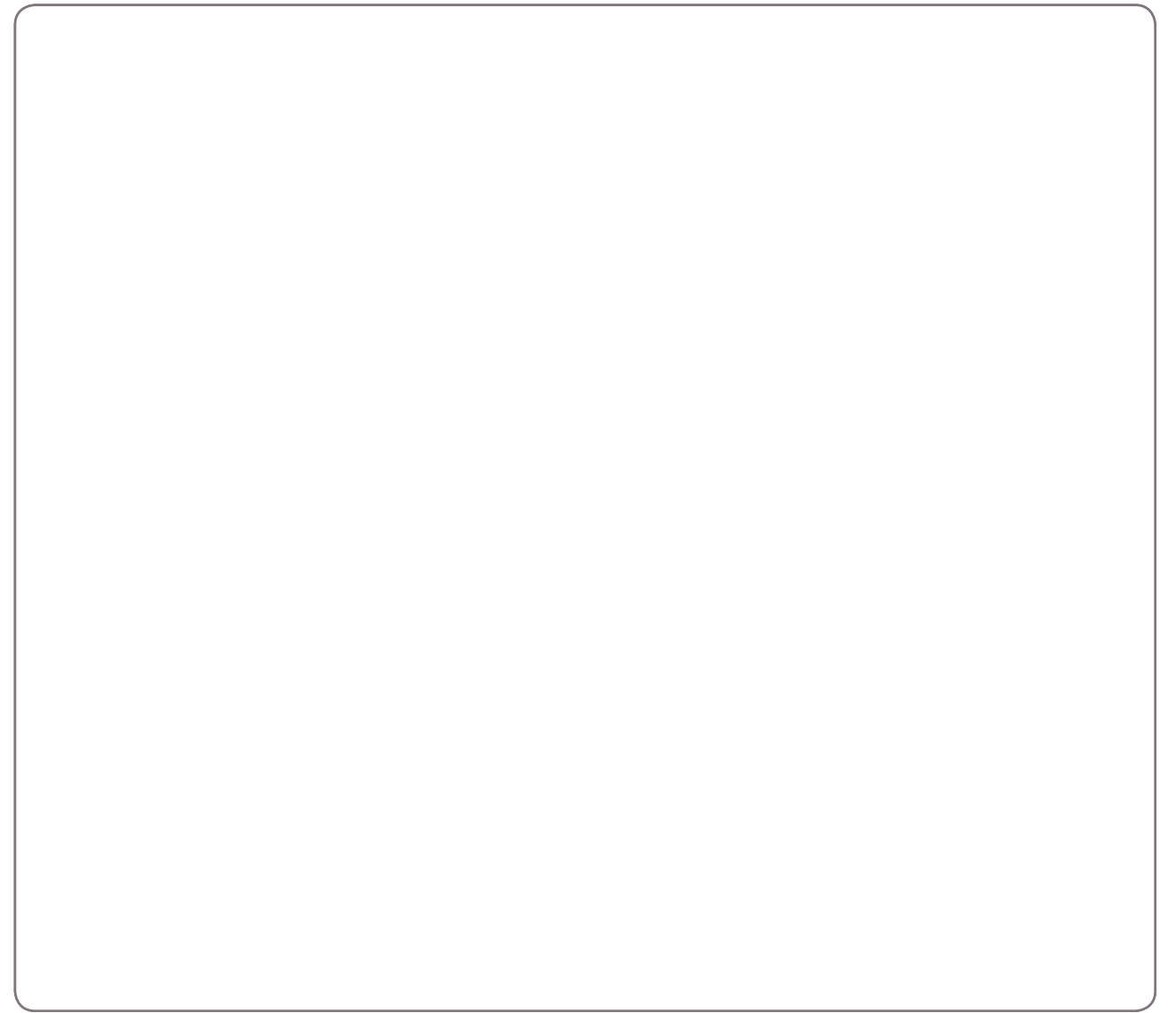
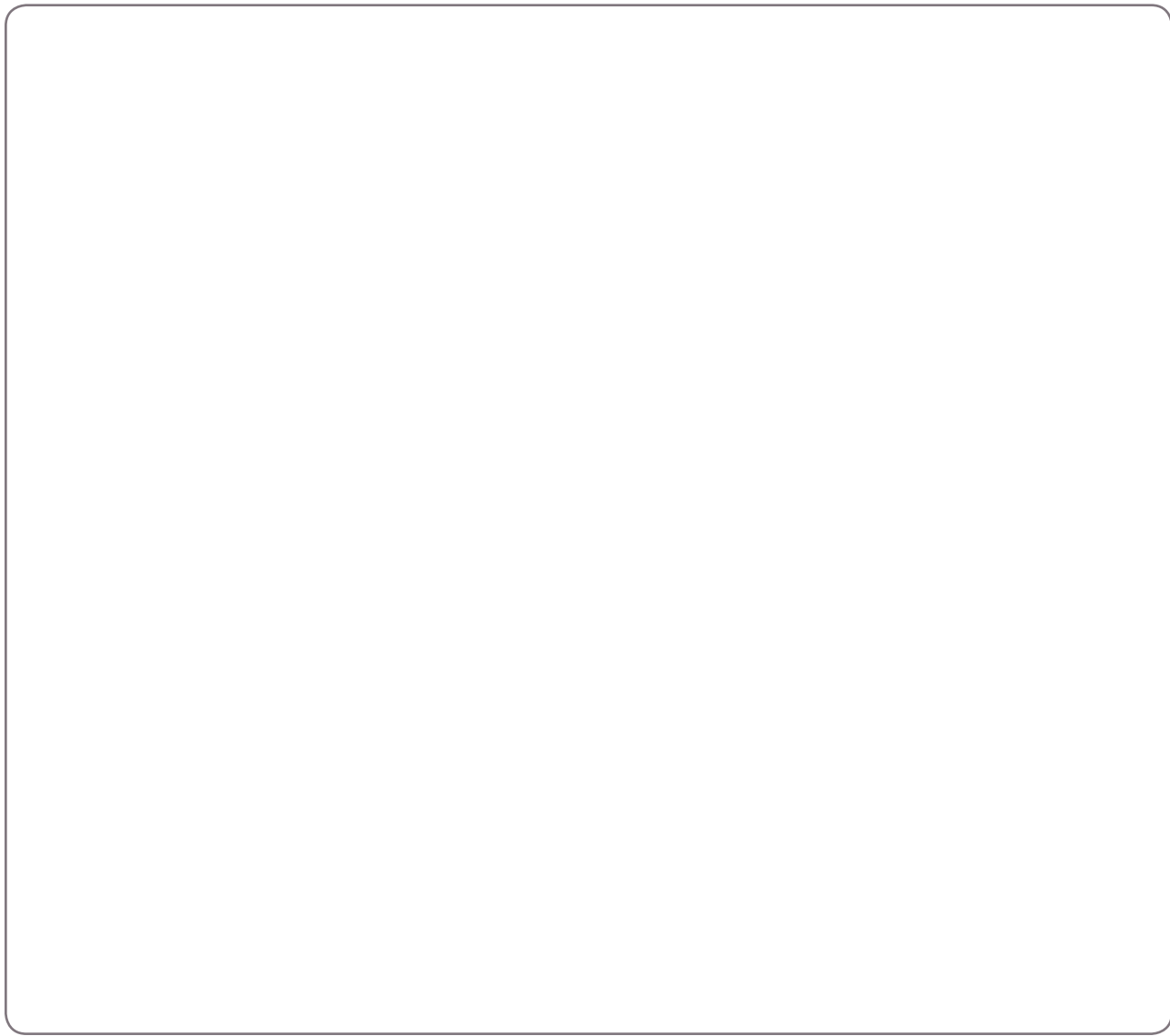
Nome e aldeia do contador de história: _____

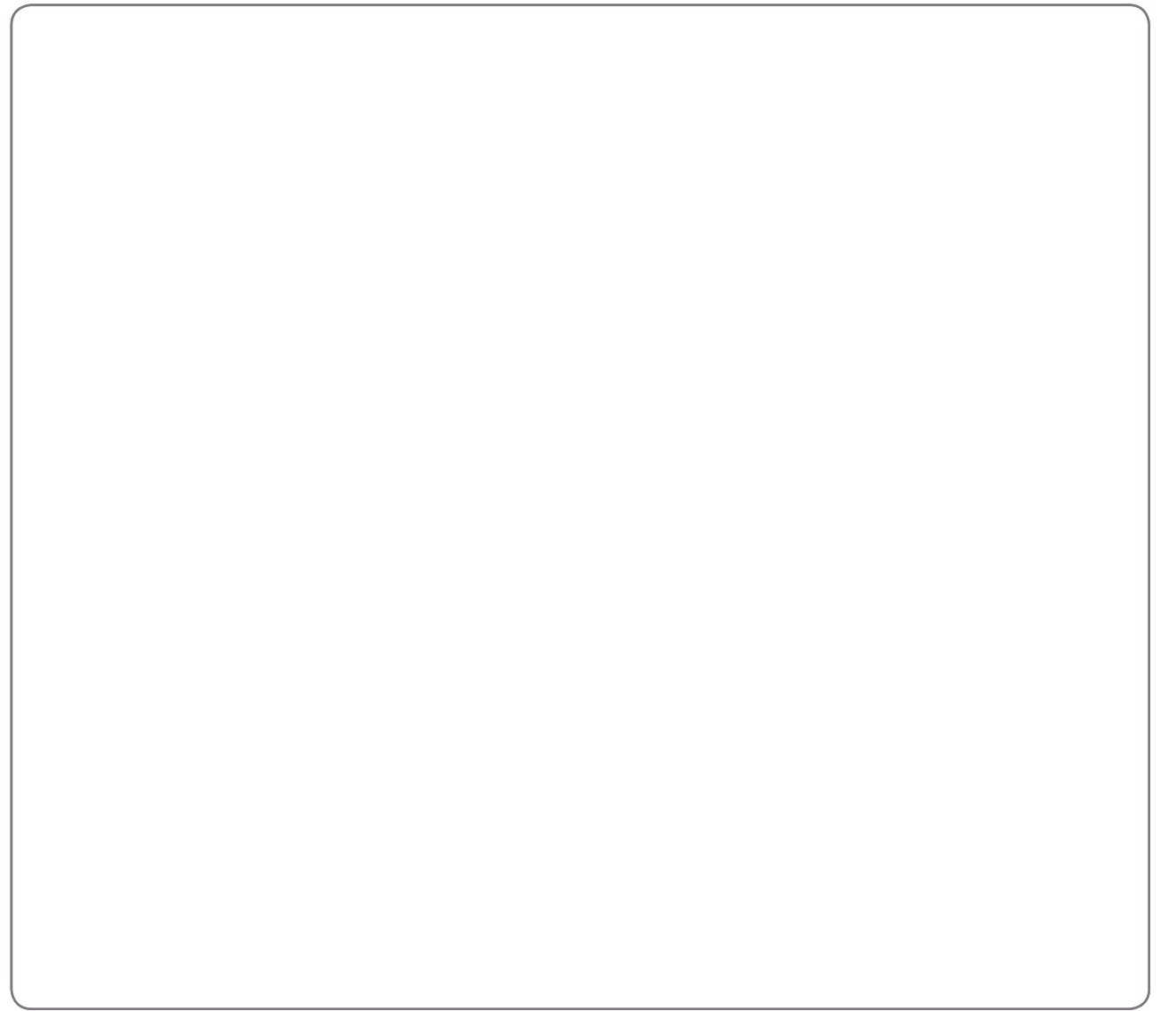
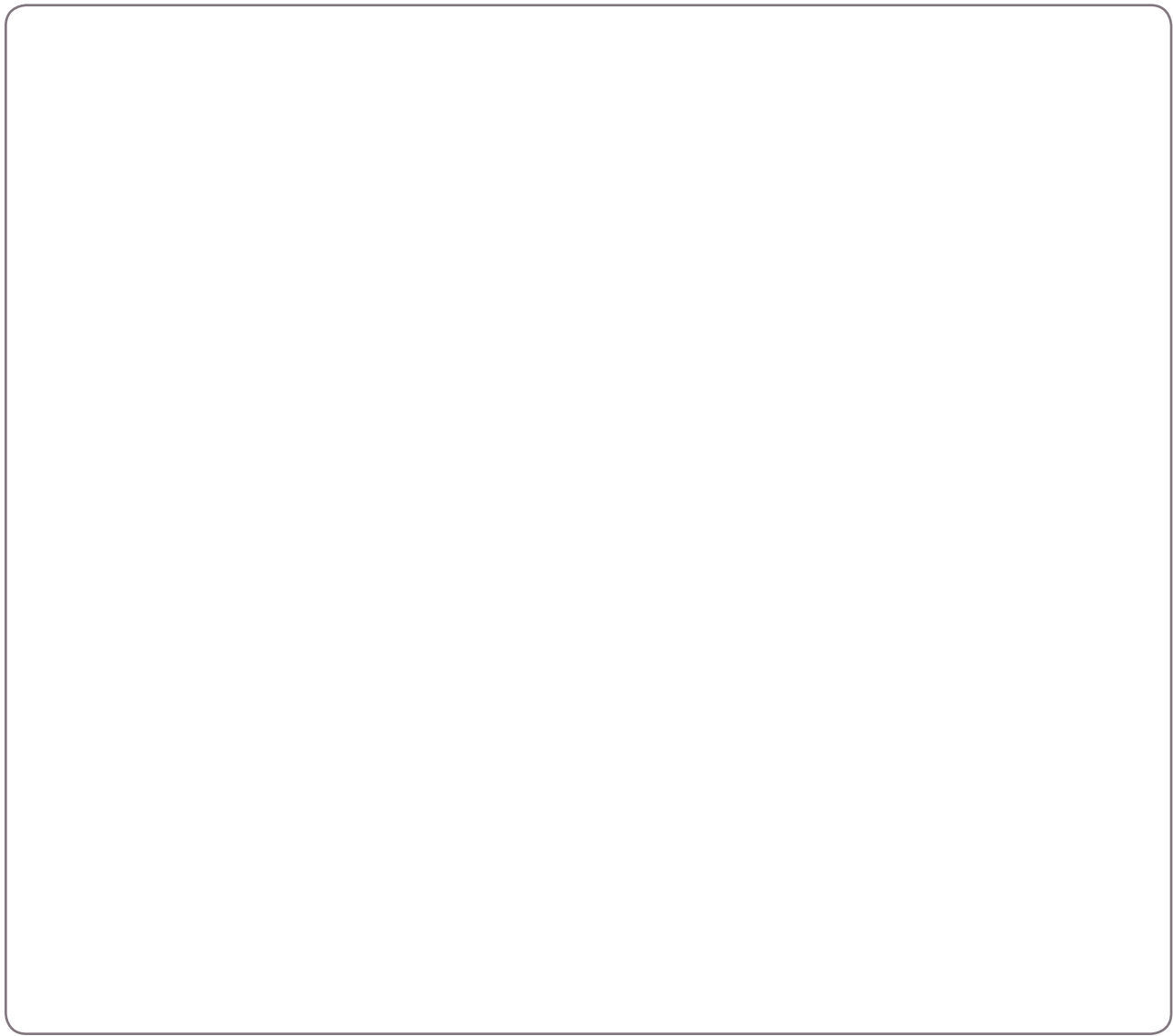
Nome de quem ajudou com os desenhos: _____

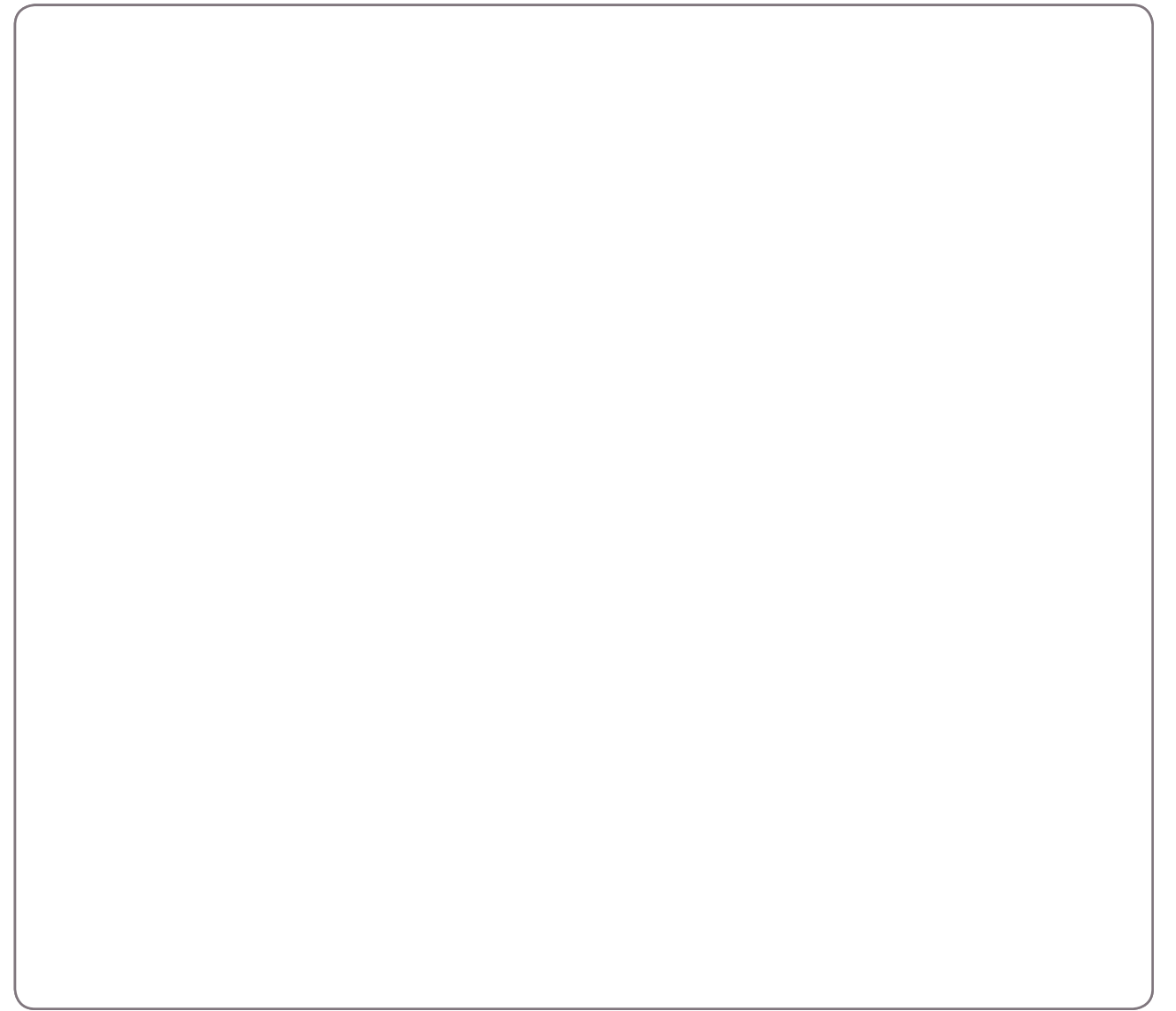
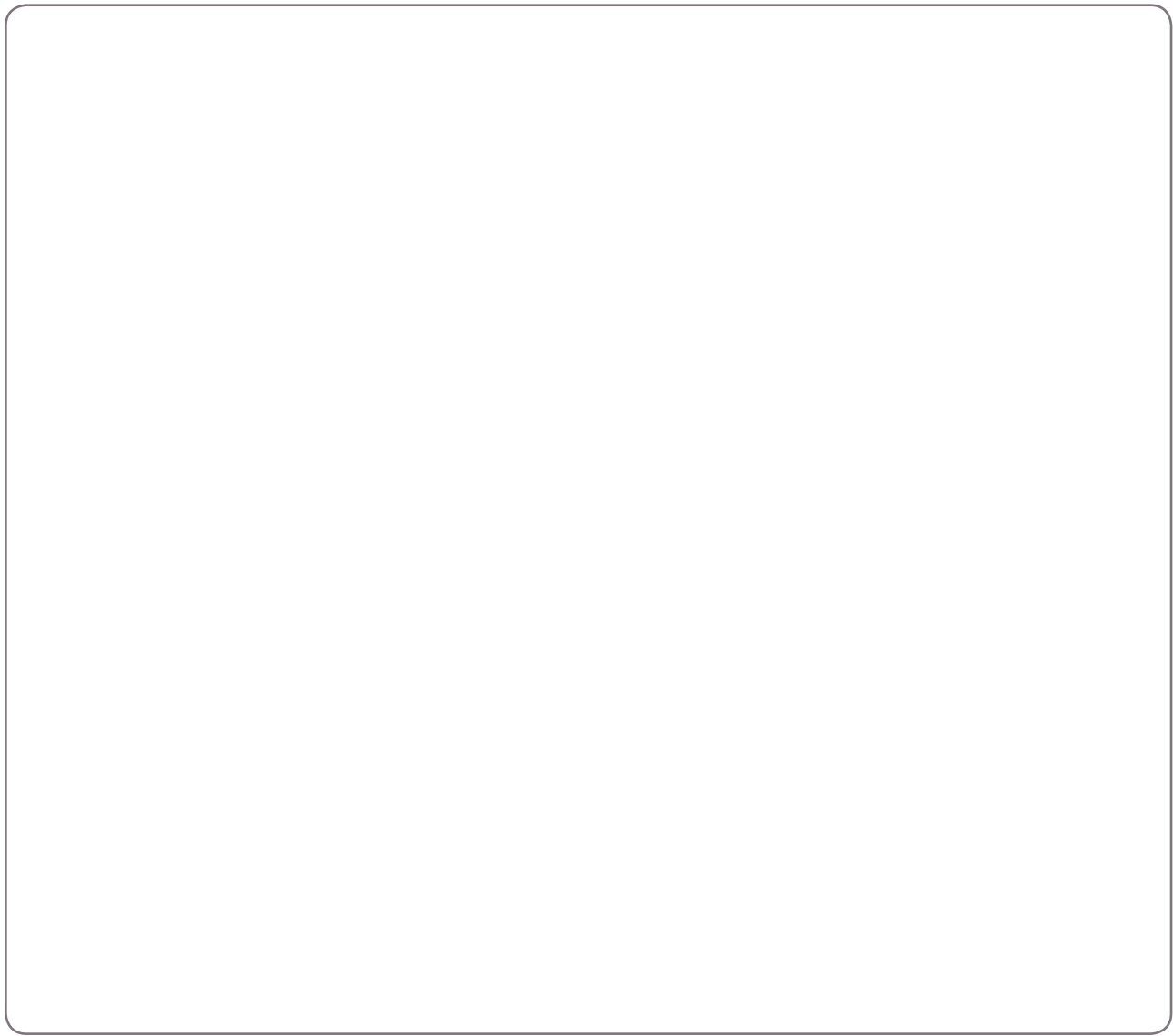


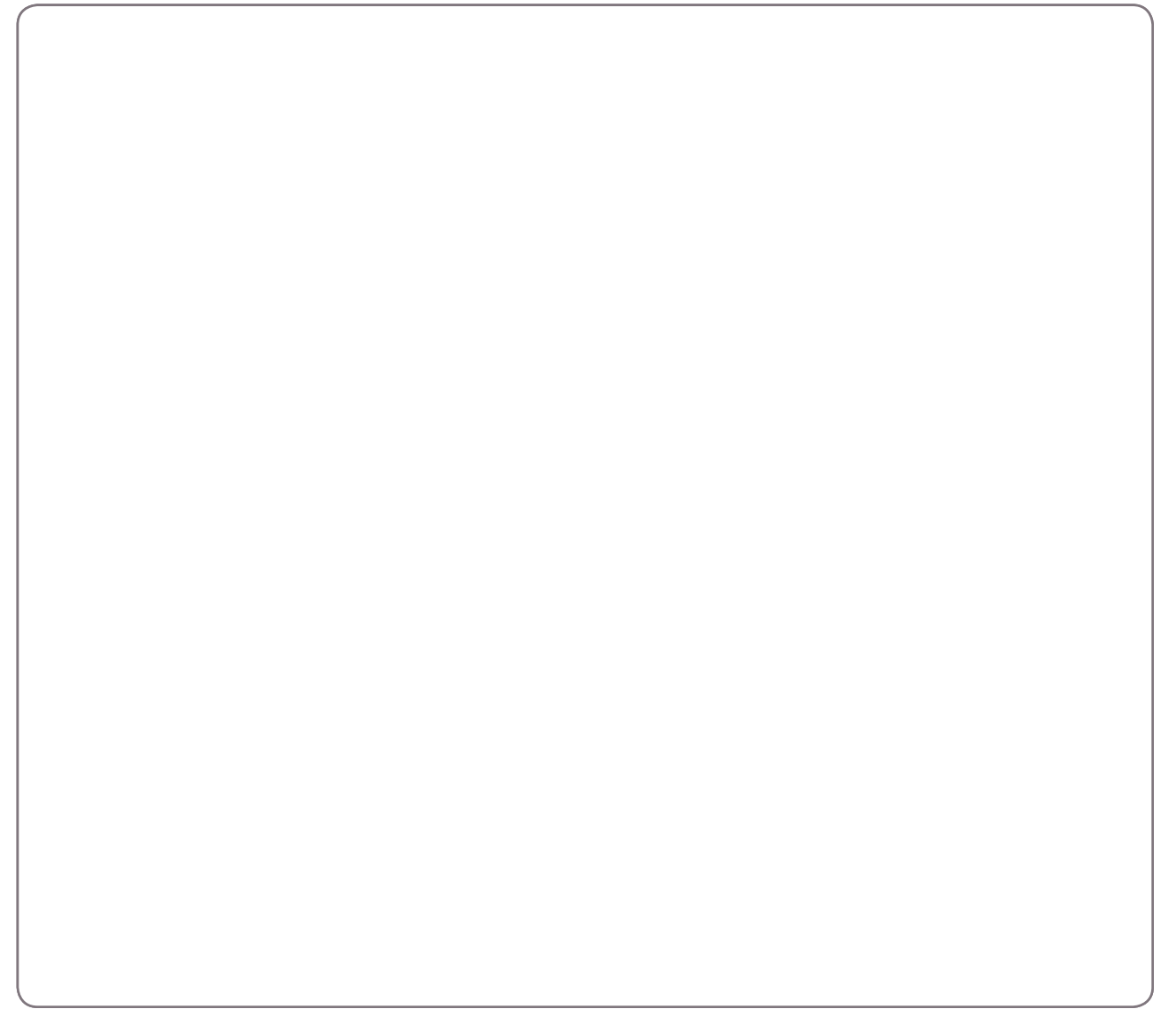
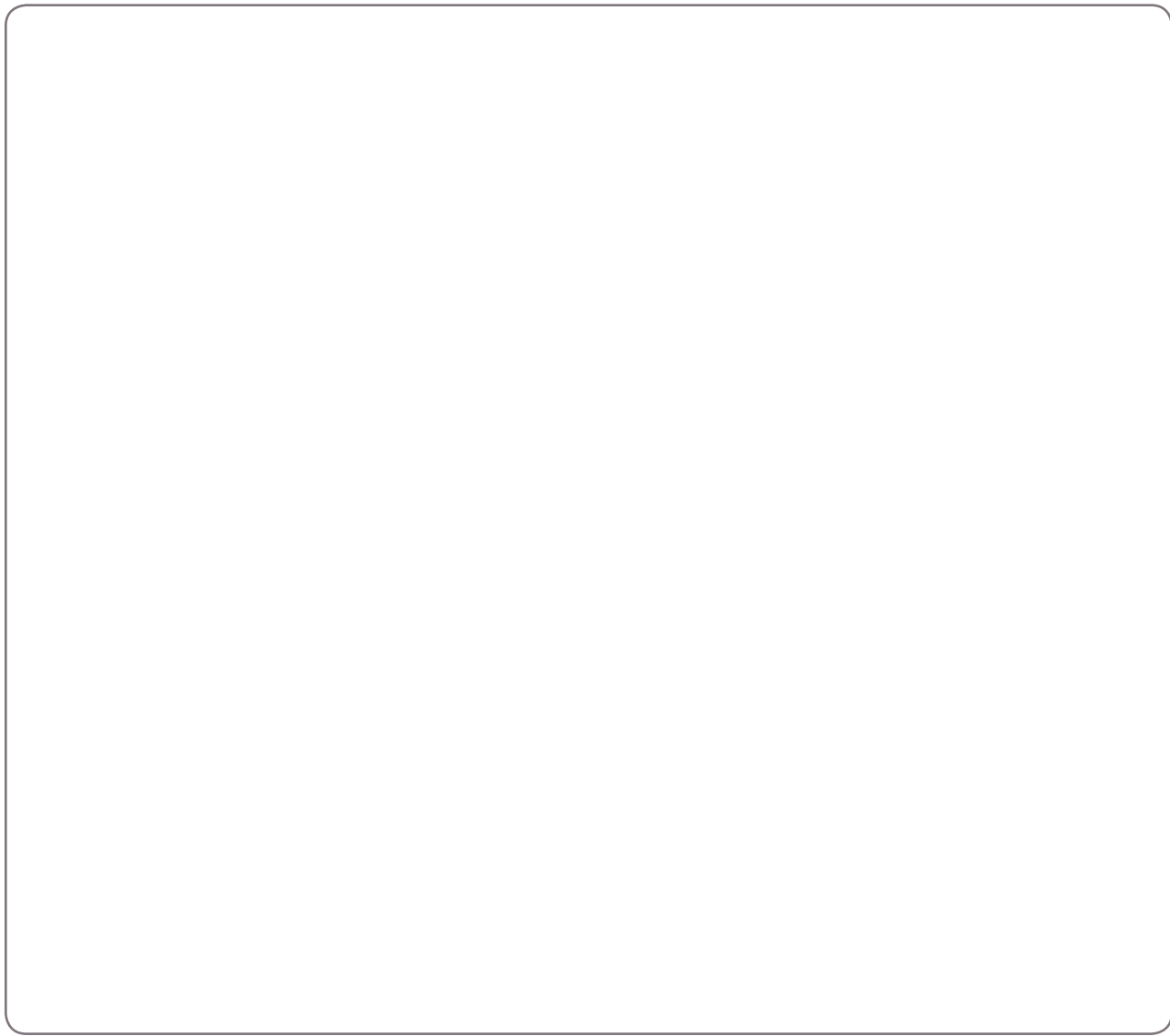


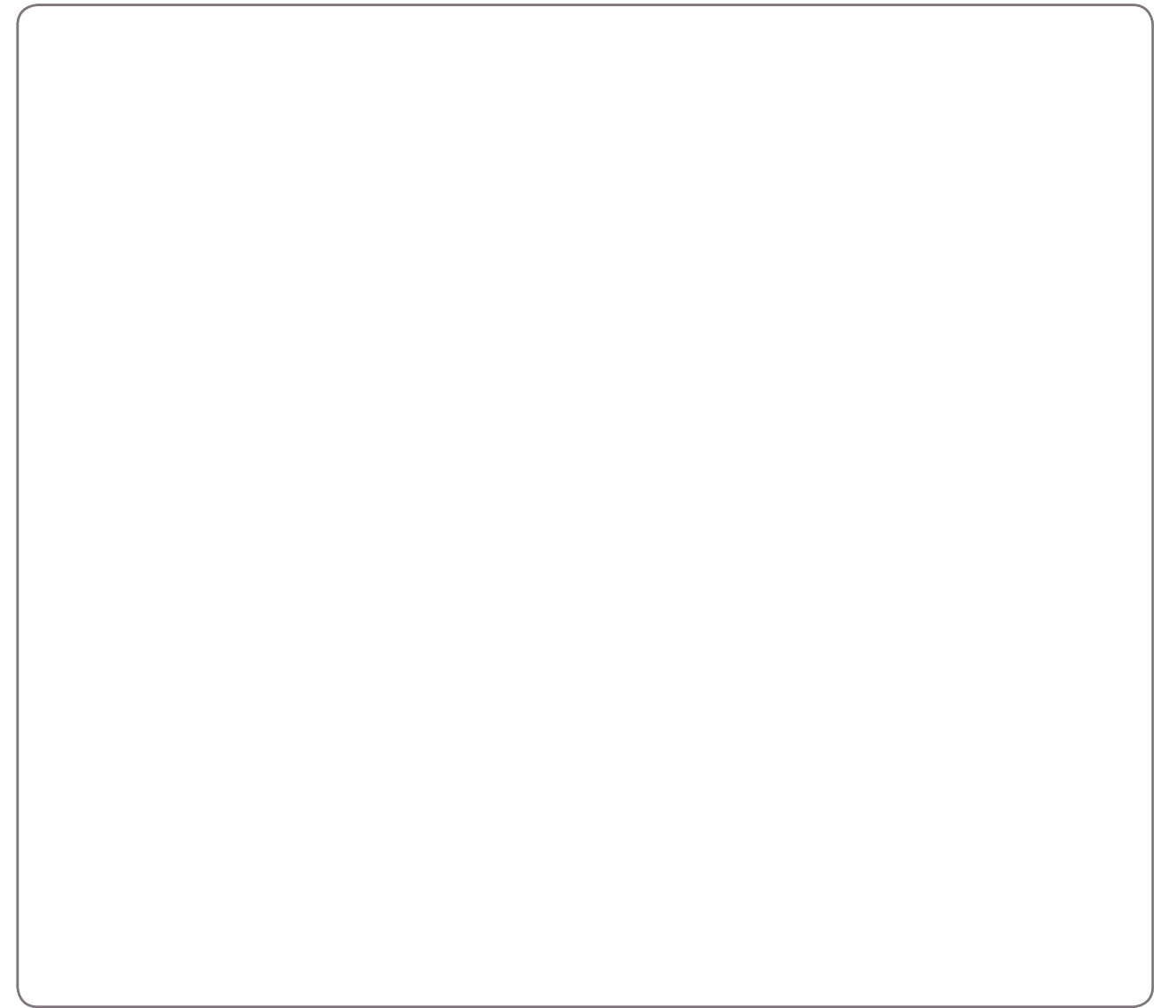
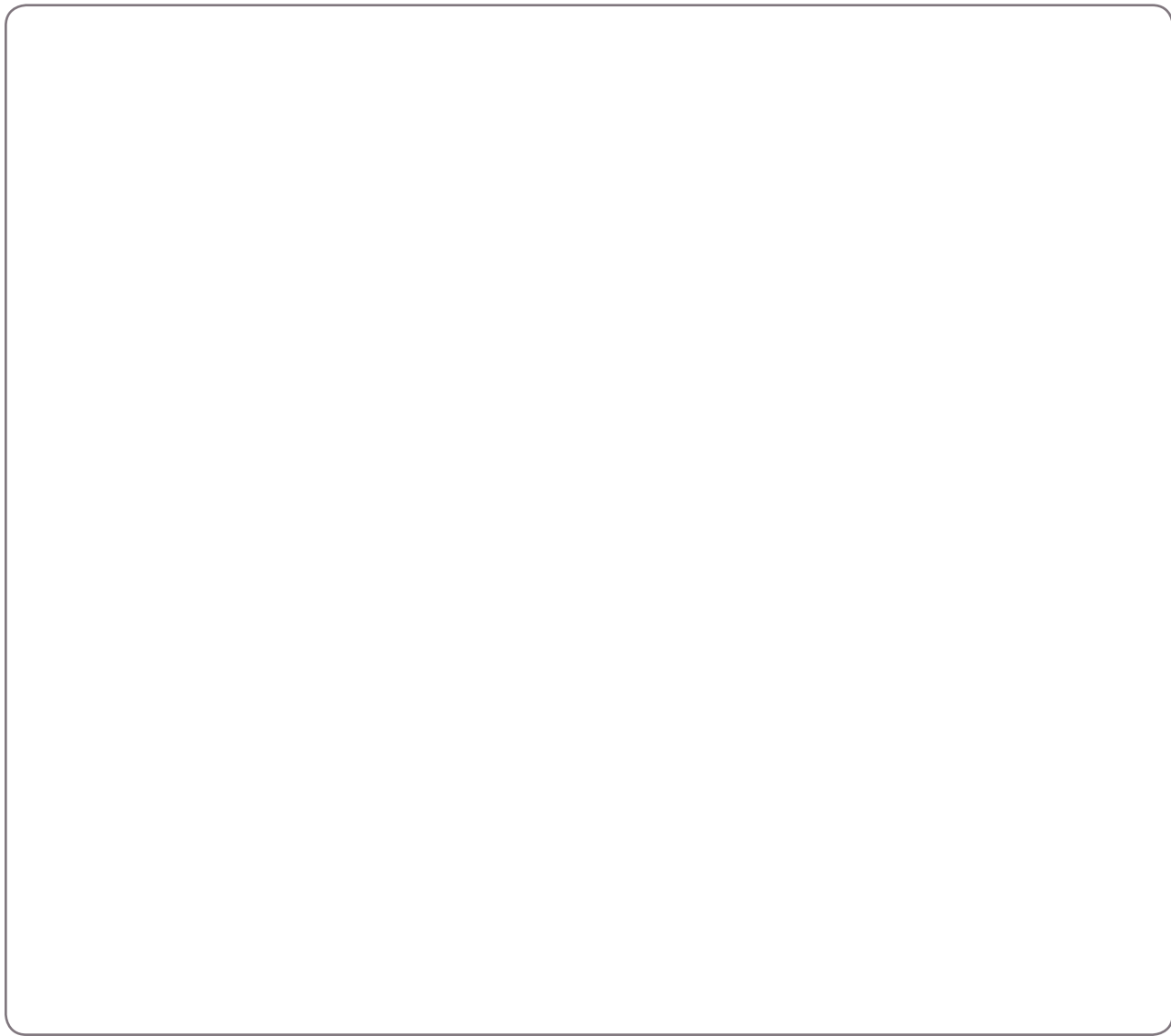


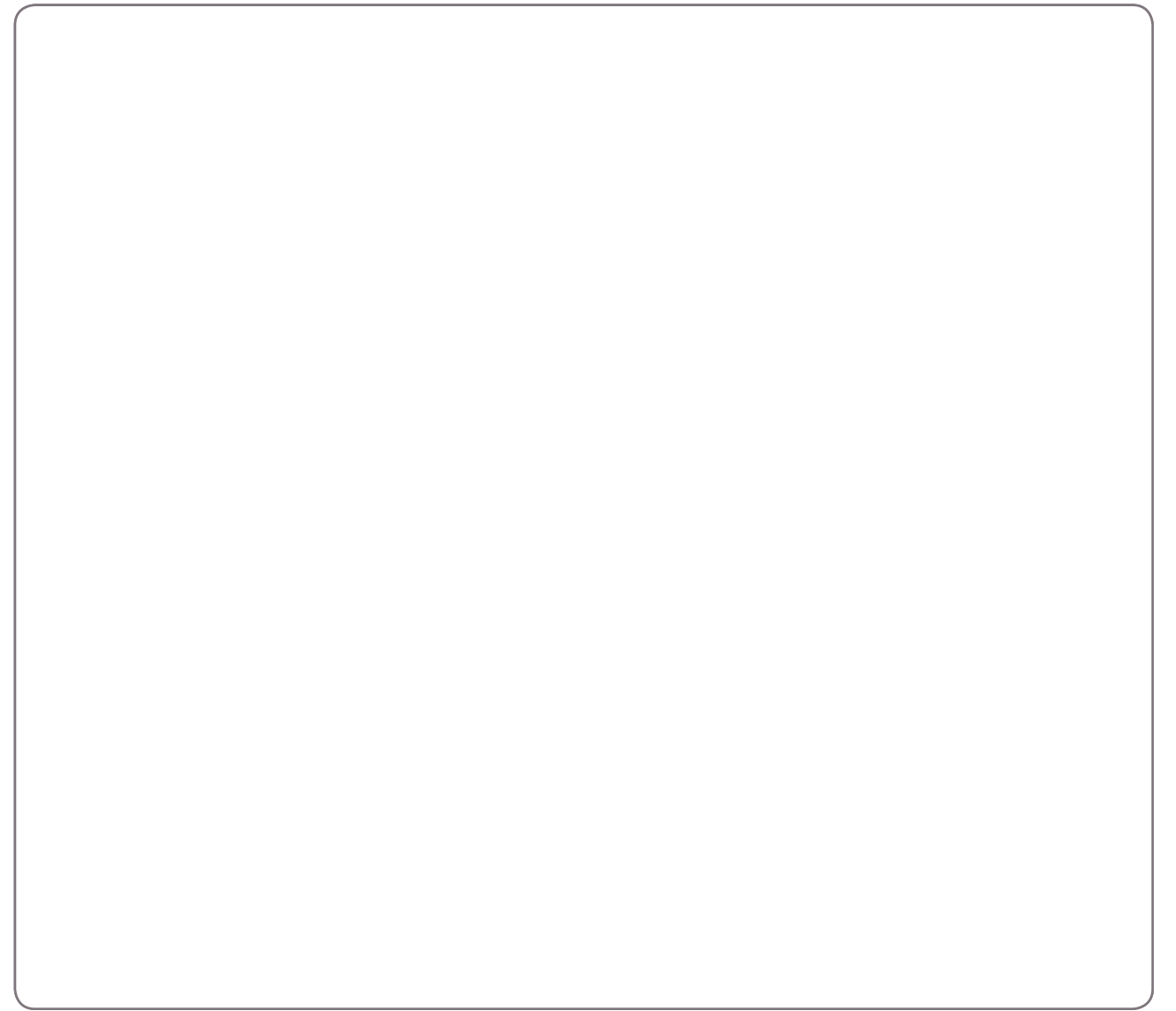
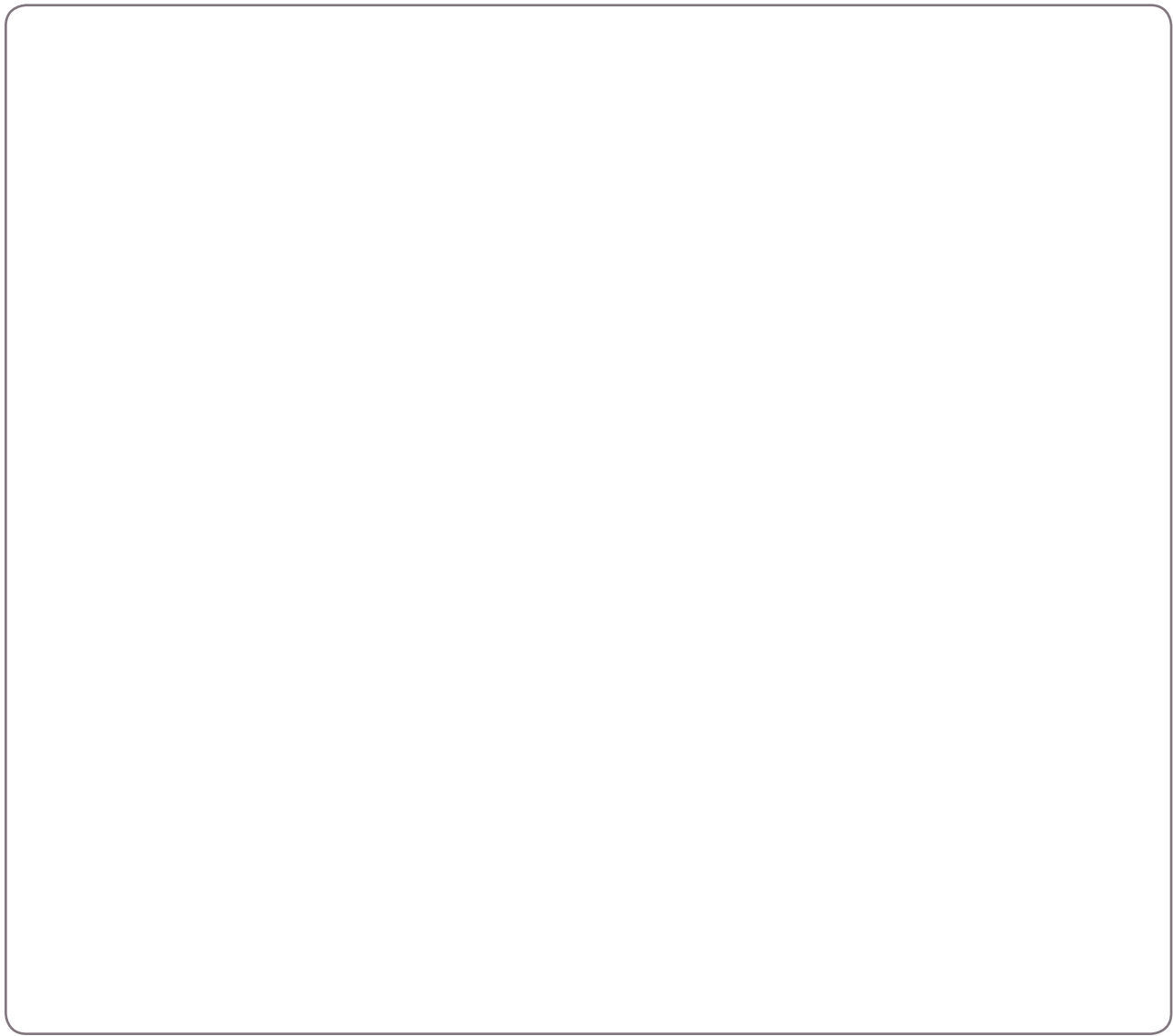


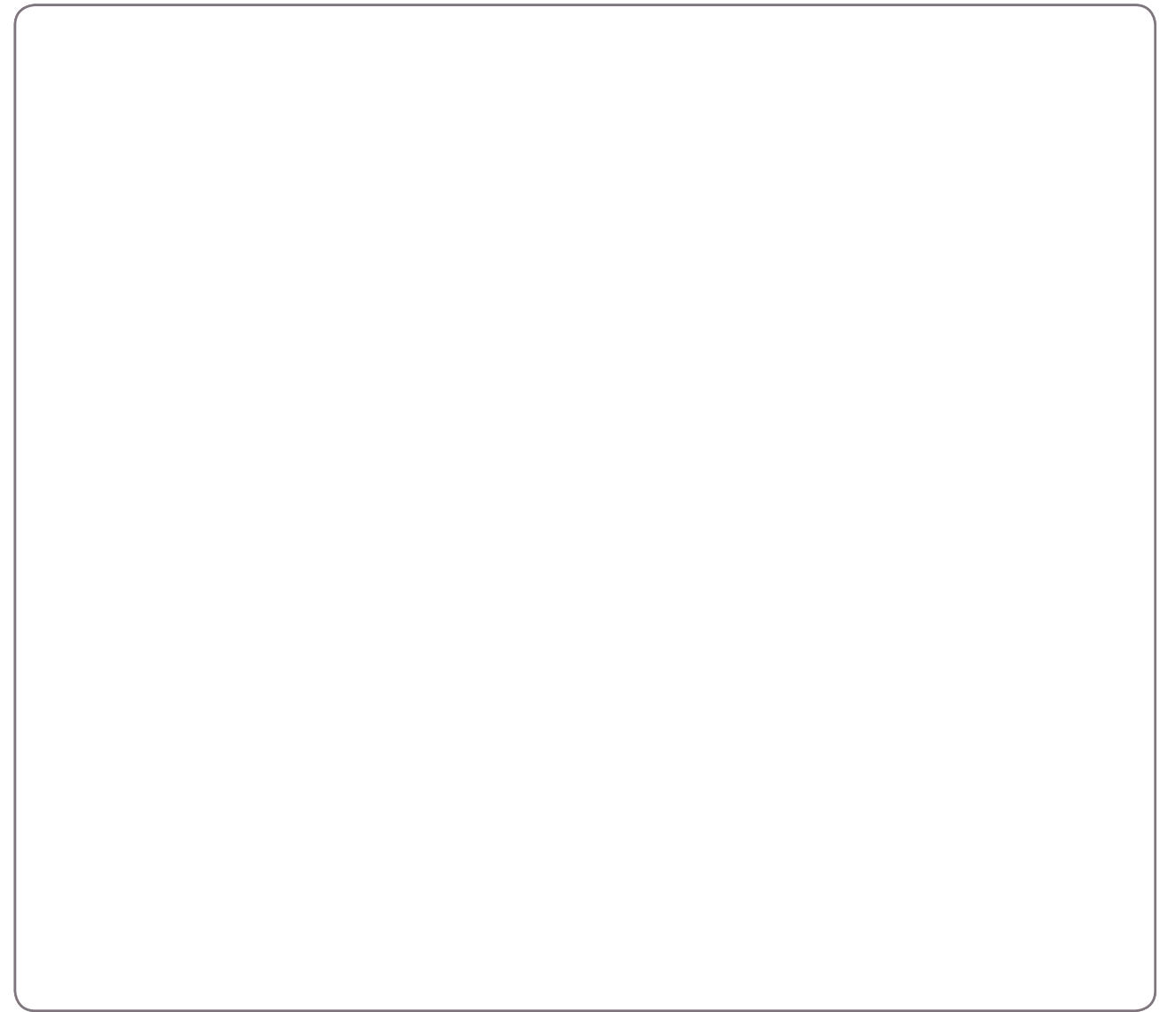
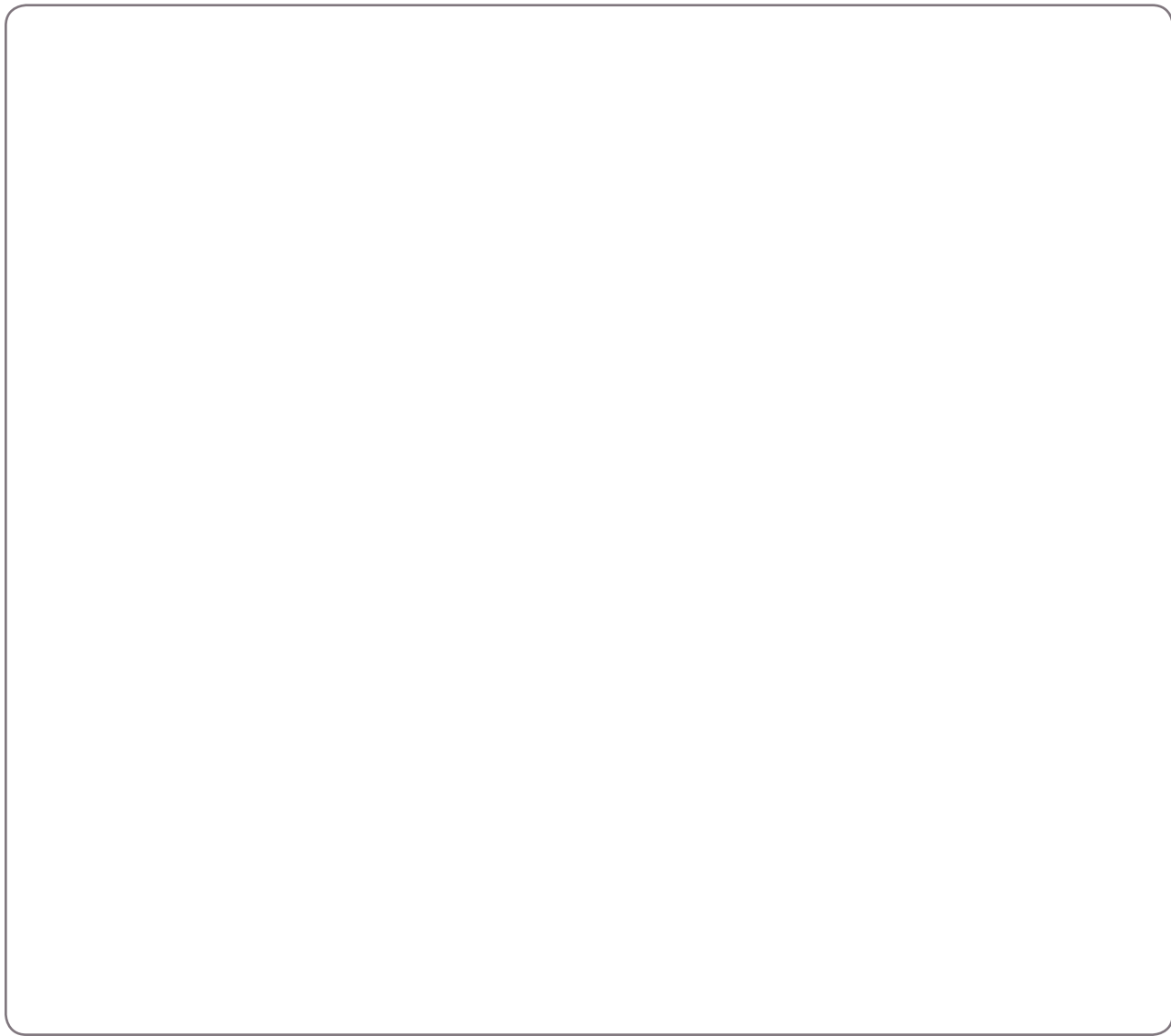


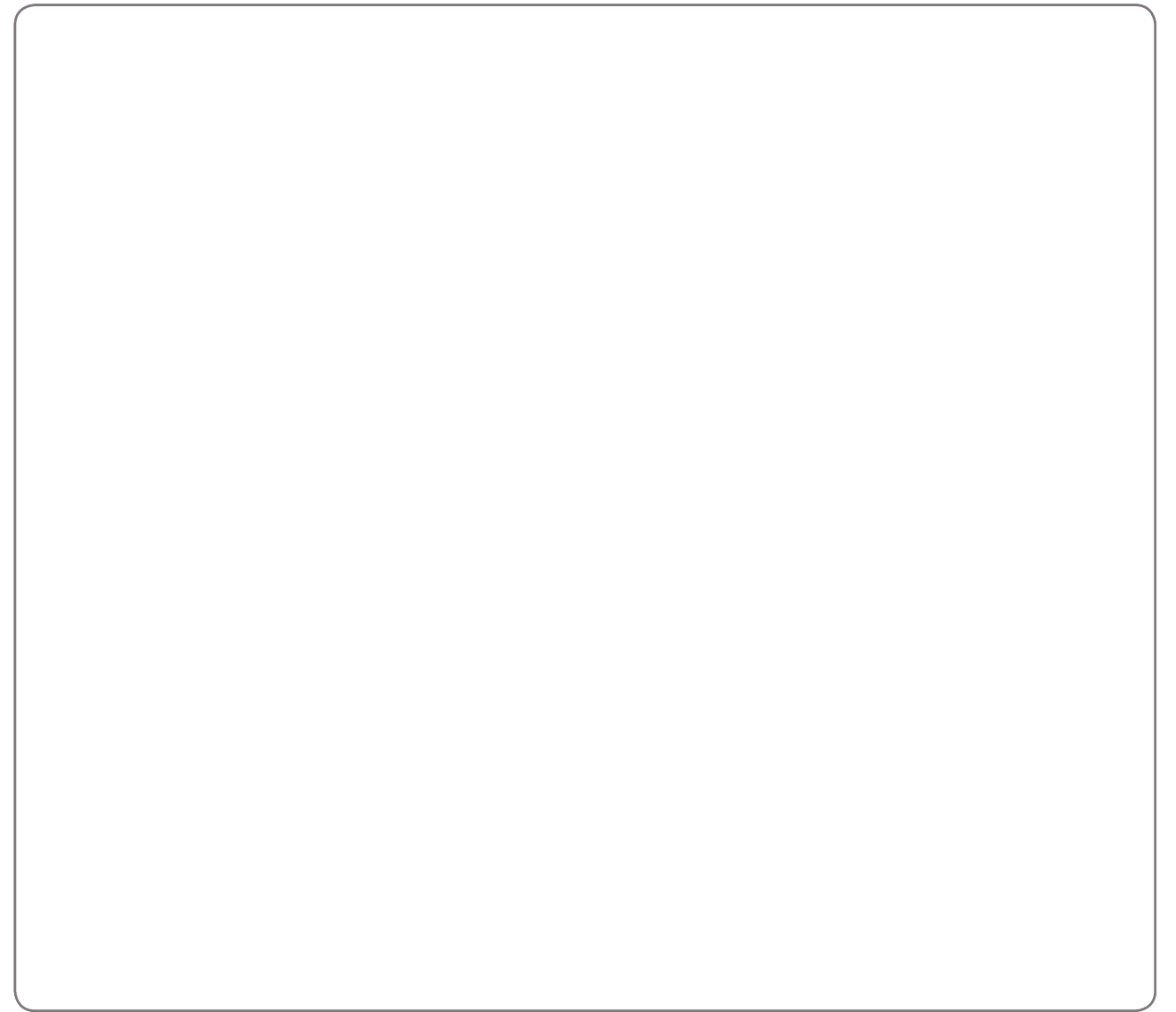
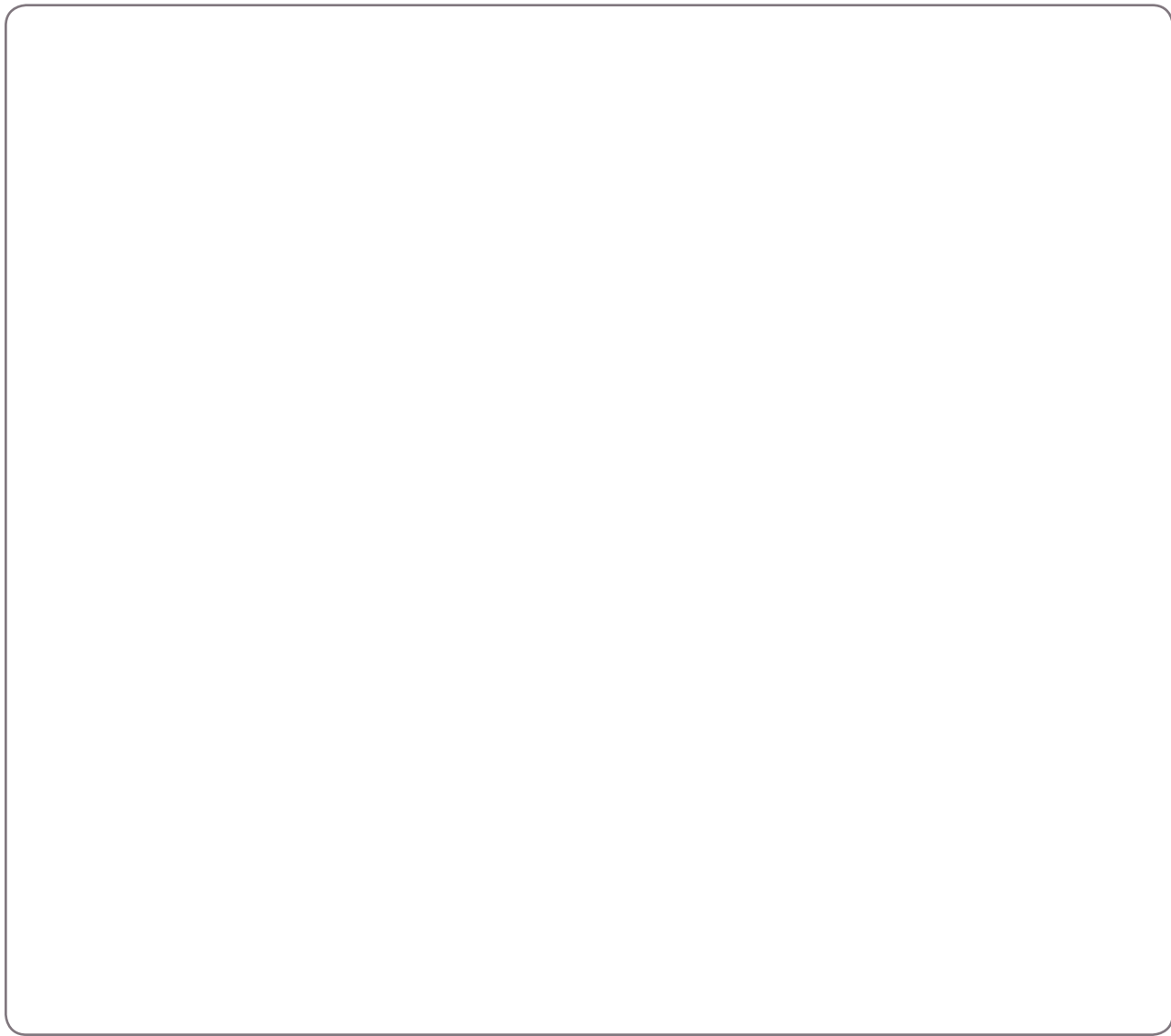


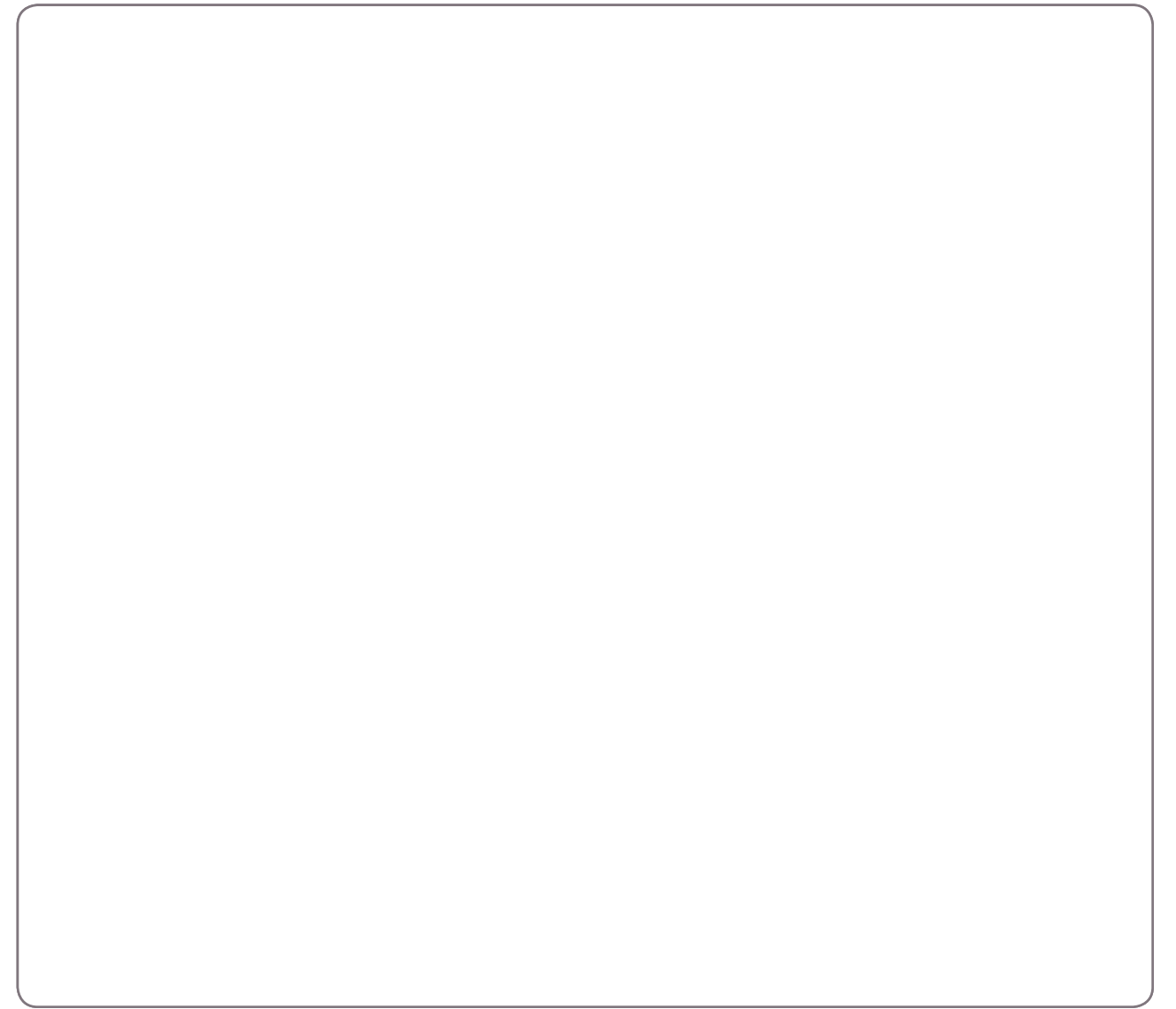
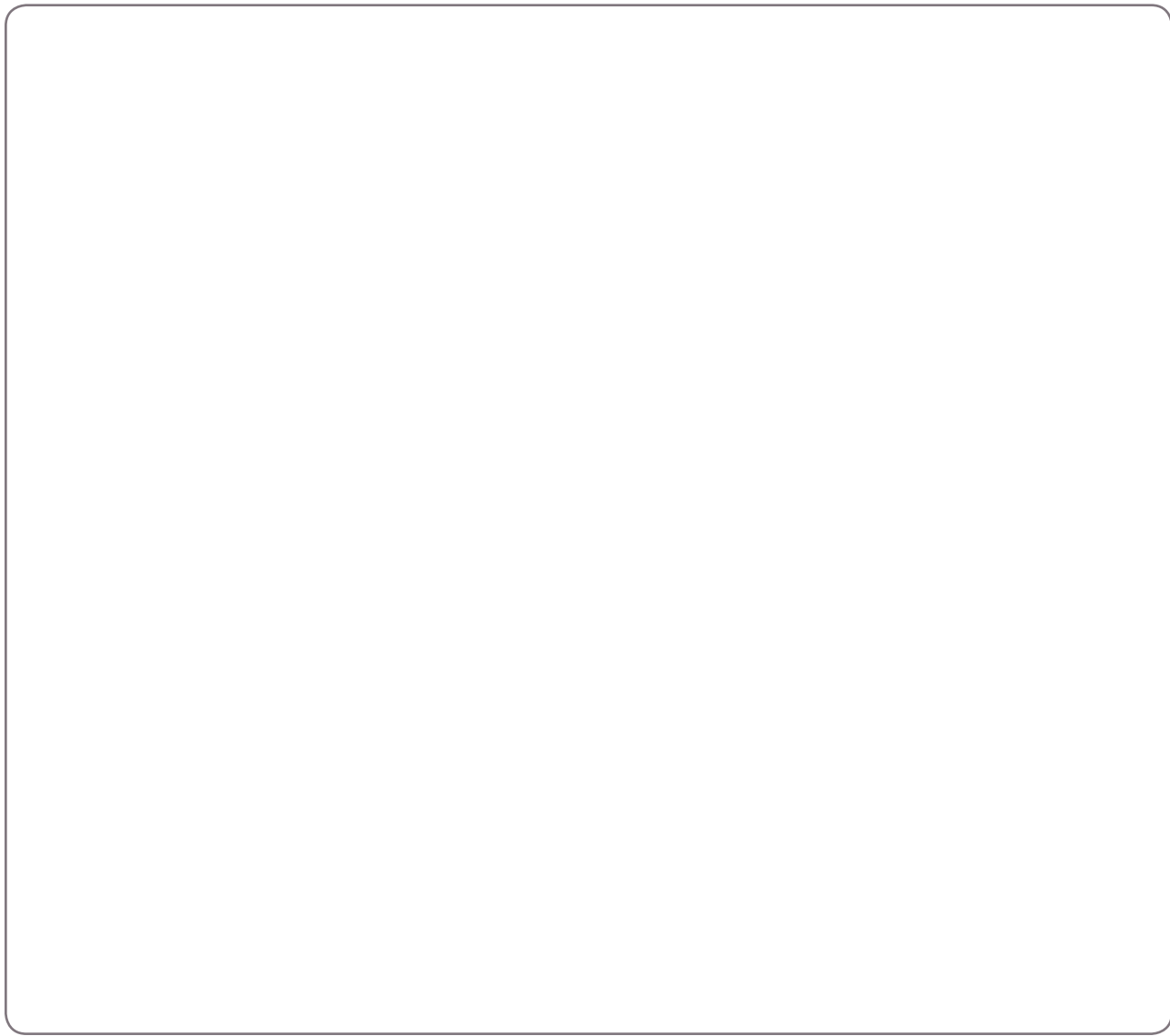












Esta obra
Composta em Bookman Old Style, Gill Sans MT e Times New Roman,
foi impressa com miolo em papel Couché 115g/m² e Off-Set 75g/m²
com capa em Cartão Supremo.